

---

# Halakhá, Ritualística e a Essência da Torá

Segunda parte do Manifesto por um Judaísmo livre.

Autoria: Sha'ul Bensiyon

---

---

## Introdução

Na primeira parte de nosso Manifesto, foi demonstrado o problema da transformação de um estilo de vida pautado na Torá do Eterno em agremiações e denominações religiosas, que invariavelmente acabam por se tornar predatórias quanto à espiritualidade.

Há ainda outro elemento que também pode ser extremamente nocivo, se não for observado, e que diz respeito ao formalismo litúrgico ou ritualístico.

Para compreender a questão, é preciso atentar para a forma como a Torá se relaciona com o tema.

## A Lição do Sacrifício

A Torá afirma: *“Falou mais ADONAY a Moshé, dizendo: Dá ordem aos filhos de Israel, e dize-lhes: Da minha oferta, do meu alimento para as minhas ofertas queimadas, do meu cheiro suave, tereis cuidado, para me oferecê-las ao seu tempo determinado.”* (Bamidbar/Números 28:1,2)

Ao mesmo tempo, observa-se o seguinte sendo dito pelas Escrituras: *“Comerei eu carne de touros? ou beberei sangue de bodes?”* (Tehilim/Salmos 50:13)

Sobre isso, Rambam (Maimônides) comenta:

*“O Eterno não escolhe mudar a natureza do homem com um milagre... Uma vez que a adoração sacrificial não é uma intenção primária... somente um Templo foi ordenado... e em nenhum outro lugar foi permitido o sacrifício... para limitar tal adoração dentro de limites que o Eterno não julgou necessário abolir... por causa disso*

---

*os profetas frequentemente declararam que o objeto dos sacrifícios não é muito essencial e que o Eterno pode prescindir deles.” (Moré Nevukhim/O Guia dos Perplexos 3:32)*

## **Do Sacrifício à Oração**

Hoje vivemos numa época em que o sacrifício não é mais realizado. Desde os tempos do exílio, os profetas de Israel ensinaram que a prática é dispensável, conforme diz Hoshea` (Oséias):

*“Tomai convosco palavras, e convertei-vos a ADONAY; dizei-lhe: Tira toda a iniquidade, e aceita o que é bom; e ofereceremos como novilhos os sacrifícios dos nossos lábios.” (Hoshea`/Oséias 14:2)*

Essa passagem tornou-se base para a adoção da prática da oração litúrgica, mais adequada ao homem moderno, em substituição aos sacrifícios. Hoshea` continua, dizendo:

*“Porque eu quero a misericórdia, e não o sacrifício; e o conhecimento de Elohim, mais do que os holocaustos.” (ibid 6:6)*

Nisso se observa que havia uma expectativa da parte do Eterno de que o ser humano evoluísse em seu conhecimento do Altíssimo e que, através desse conhecimento, dispensasse das práticas mais primitivas do politeísmo, avançando na direção de um serviço mais sublime.

## **Mudança na Torá ou na circunstância?**

Ainda assim, persiste a indagação: Seria tal transformação litúrgica lícita pela Torá, que recomenda que nada seja a ela acrescentado ou reduzido (Dt. 4:1).

Na realidade, acrescentar ou reduzir seria dizer que a Torá diz uma coisa quando diz outra, e não uma atualização de uma prática em virtude de um contexto diferente.

---

Muito pelo contrário, observa-se que a Torá é totalmente favorável à adaptação litúrgica quando necessário. Observe:

*“E houve alguns que estavam imundos por terem tocado o corpo de um homem morto; e não podiam celebrar o Pessah naquele dia; por isso se chegaram perante Moshé e Aharon naquele mesmo dia; E aqueles homens disseram-lhe: Imundos estamos nós pelo corpo de um homem morto; por que seríamos privados de oferecer a oferta de ADONAY a seu tempo determinado no meio dos filhos de Israel? E disse-lhes Moshé: Esperai, e eu ouvirei o que ADONAY vos ordenará. Então falou ADONAY a Moshé, dizendo: Fala aos filhos de Israel, dizendo: Quando alguém entre vós, ou entre as vossas gerações, for imundo por tocar corpo morto, ou achar-se em jornada longe de vós, contudo ainda celebrará o Pessah a ADONAY. No mês segundo, no dia catorze à tarde, a celebrarão; com pães ázimos e ervas amargas a comerão.” (Bamidbar/Números 9:6-11)*

Observe que o Eterno não se desagrada da alteração na data da celebração, pois a essência da festividade seria preservada.

Semelhantemente, mais adiante no Tanakh observa-se, nos tempos de Hizkiyahu (Ezequias):

*“E ajuntou-se em Yerushalayim muito povo, para celebrar a festa dos pães ázimos, no segundo mês; uma congregação mui grande.” (Divrê haYamim Bet/2 Crônicas 30:13)*

Observe que a Torá não falara sobre observar a Festa dos Ázimos no segundo mês por sete dias, mas somente o Pessah. Ainda assim, o precedente foi suficiente para que a prática fosse estabelecida.

Mas não termina nesse ponto. Semelhantemente, observa-se:

*“E, tendo toda a congregação conselho para celebrarem outros sete dias, celebraram ainda sete dias com alegria.” (Divrê haYamim Bet/2 Crônicas 30:23)*

Aqui se observa que fizeram, ao todo, uma festividade de duas semanas! Algo também semelhante ao que Shelomô (Salomão) havia feito, na inauguração do Bet haMiqdash (Templo):

---

*“No mesmo tempo celebrou Shelomô a festa, e todo o Israel com ele, uma grande congregação, desde a entrada de Hamate até ao rio do Egito, perante a face de ADONAY nosso Elohim; por sete dias, e mais sete dias; catorze dias.” (Melakhim Alef/1 Reis 8:65)*

A festa de Sukot (Tabernáculos) foi estendida para durar mais sete dias, num total de catorze. Algo que a Torá jamais afirma. E esses são alguns dos diversos exemplos de coisas desse tipo.

Em outras palavras, a preocupação da Torá não está com o formalismo litúrgico, mas sim com a essência daquilo que a Torá estabelecia.

Ou seja, a essência do Pessah, por exemplo, não era estabelecer uma data astrológica cujo tempo seria esotericamente especial no nível dos minutos. Era estabelecer uma forma de comemorar a liberdade do povo de Israel de maneira que para eles fizesse sentido.

### **Essência x Prática Exterior**

Fato é que se formos imaginar que a Torá deve ser cumprida no nível do detalhe do que foi instruído sem qualquer espaço para modificações nas práticas em virtude da mudança das condições, então teremos que eliminar até mesmo livro de Devarim (Deuteronômio), pois há diversas coisas que nele diferem dos demais.

Por exemplo, a Torá quando descreve as instruções do Pessah não faz qualquer menção ao fato do sacrifício só poder ser feito no local escolhido pelo Eterno. Pelo contrário, observa-se o seguinte:

*“Então celebraram a páscoa no dia catorze do primeiro mês, pela tarde, no deserto de Sinay; conforme a tudo o que o ADONAY ordenara a Moshé, assim fizeram os filhos de Israel.” (Bamidbar/Números 9:5)*

No entanto, o texto de Devarim traz uma instrução adicional:

*“Não poderás sacrificar o Pessah em nenhuma das tuas portas que te dá ADONAY teu Elohim; Senão no lugar que escolher ADONAY teu Elohim, para fazer habitar o*

---

*seu nome, ali sacrificarás o Pessah à tarde, ao pôr do sol, ao tempo determinado da tua saída do Egito.” (Devarim/Deuteronômio 16:5,6)*

Ora, essa instrução foi acrescentada posteriormente. Por que? Porque o objetivo era evitar a propagação de sistemas paralelos de culto que fossem na direção do politeísmo. Isto é, evitar que as pessoas sacrificassem em altares pessoais ao invés de ao Eterno - algo que ilustra uma preocupação maior agora que a terra de Israel seria ocupada.

Continuando a ler sobre os relatos históricos nos livros de Yehoshua` (Josué), Shofetim (Juízes), até os tempos dos reis de Israel, vemos que jamais a prática israelita foi idêntica àquela que ocorre anteriormente!

A própria existência do Templo é, em si, uma prática diferente daquela estabelecida pela Torá, que diz apenas:

*“E me farão um Santuário, e habitarei no meio deles. Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do Tabernáculo, e para modelo de todos os seus pertences, assim mesmo o fareis.” (Shemôt/Êxodo 25:8,9)*

Isso mostra que o próprio Eterno esperava que a Torá fosse algo dinâmico, e não estático. Algo vivo, vibrante, capaz de se atualizar exteriormente, preservando sua essência interior.

## **Entendimento x Neurose**

Através desses exemplos, o Eterno demonstra claramente que o propósito da Torá está muito distante da neurose obsessiva pela ritualística que se observa em muitos meios mais radicais.

Pelo contrário, em todos os momentos nos quais foi consultado, o próprio Eterno não pareceu se importar com ajustes ritualísticos, nem mesmo na própria Torá!

Falando de um tempo em que a liturgia era sinônimo do sistema sacrificial, Maimônides diz:

---

*"Por causa desse princípio que expliquei a vós, os Profetas em seus livros são frequentemente encontrados exortando os seus companheiros por serem excessivamente zelosos e esforçando-se excessivamente em trazer sacrifícios. Os profetas assim distintamente declararam que o objeto dos sacrifícios não é essencial, e que o Eterno não os requer." (Moré Nevukhim/O Guia dos Perplexos 3:32)*

Em outras palavras, se a obsessão com a ritualística já era criticada pelos profetas quando dizia respeito a algo que a Torá instituiu explicitamente - isto é, os sacrifícios - quanto mais verdadeiro seria isso para a adaptação feita na liturgia posteriormente!

E, de fato, a crítica vai muito além dos sacrifícios. Por exemplo, o Eterno fala acerca dos jejuns:

*"Seria este o jejum que eu escolheria, que o homem um dia aflija a sua alma, que incline a sua cabeça como o junco, e estenda debaixo de si saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aprazível a ADONAY? Porventura não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo e que deixes livres os oprimidos, e despedaces todo o jugo?" (Yeshayahu/Isaías 58:5,6)*

No texto acima, o Eterno explica muito claramente: A ritualística é secundária. De nada adianta ficar obcecado por ela, ou torná-la um problema, quando esse não é o espírito da coisa!

De que adianta, por exemplo, fazer um jantar de Pessah exageradamente cheio de regras, cantar Avadim Hayinu (escravos fomos) ao mesmo tempo em que somos servidos por "goyim" que não são sequer convidados para se sentarem à mesa conosco?

## **Evolução Gradual**

Porém, havia por parte do Eterno uma expectativa de que o povo pudesse gradualmente se desprender da roupagem cultural, e entender a essência daquilo que o Eterno reservou para nós.

Sobre isso, o Hakham Nathan Lopes Cardozo diz:

---

*“Apesar dos sábios crerem que a Torá é totalmente divina, eles não a viam como o texto ou ensinamento final. Eles entendiam que a Torá era um estágio no plano do Eterno naquele momento particular da história judaica.*

*A revelação é uma resposta à aspiração humana de se relacionar com o Eterno, e assim só pode ser bem sucedida até o ponto em que os seres humanos conseguem compreendê-la. A Vontade Divina, portanto, está limitada àquilo que os seres humanos conseguem de forma pragmática e espiritual entender e realizar naquele momento e lugar em particular.*

*A Torá é antropocêntrica enquanto suas aspirações são teocêntricas. Em outras palavras: Enquanto a Vontade Divina pode querer realizar o passo final, ela está limitada pela habilidade humana. A Torá, então, é realmente um meio-termo divino, filtrado através da mentalidade e costume de seu público.” (The Deliberately Flawed Divine Torah)*

## **Atualizando a Prática da Torá**

Desde o século V, não temos Sanhedrin - uma grande corte rabínica, nem rabinos com semikhá mosaica de fato (salvo o uso do termo simbolicamente). Porém, a vida que vivemos hoje é radicalmente diferente daquela do século V! A vida, as preocupações, práticas, problemas e questões não se assemelham em quase nada!

É inevitável que ajustes precisem ser feitos à prática da halakhá para que a essência da Torá não se perca em meio ao formalismo.

Hoje, infelizmente, vê-se discussões intermináveis sobre quantos passos podem ser dados com um objeto no Shabat, e o espírito da coisa, isto é, o repouso do ser humano de suas atividades de trabalho, fica em segundo plano.

Todavia, o que vemos é uma grande confusão entre a essência da *misvá* (mandamento), o invólucro externo da *misvá*, a própria halakhá estabelecida pelo Sanhedrin, e as deliberações comunitárias. A maioria dos judeus, mesmo religiosos, teria dificuldades de responder quanto a isso.

---

## Reconhecer o Problema

Não seria mais fácil reconhecer que a Torá diz que o levedado (hames) não será achado nos nossos lares por sete dias porque naquela época ninguém estocava comida pronta por dias a fio, nem fazia compras de mês?

Ao invés de admitir a mudança de situação, cria-se uma venda fajuta para que o levedado pertença a um judeu durante a celebração e seja recomprado automaticamente após a mesma!

Ou seja, relacionamo-nos enquanto povo com a Torá da forma como advogados se relacionam com a lei civil de seus países, sempre procurando brechas para poderem se ajustar a seus clientes, e lidando com as complexidades de procedimentos extremamente formais!

## Distorcendo a Torá

Portanto, o que se vê é uma bastardização da Torá. Se a Torá foi dada como uma lei vanguardista, o que se vê pelos direitos de trabalhadores, da mulher, dos animais, etc., hoje o que se vê um desejo de se manter preso a práticas da Idade Média.

E isso está muito longe do que diz a própria Torá: *"Guardai-os pois, e cumpri-os, porque isso será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos, que ouvirão todos estes estatutos, e dirão: Este grande povo é nação sábia e entendida!"* (Devarim/Deuteronômio 4:6)

Sejamos francos: Que pessoa dentre as nações diria que há sabedoria na forma de viver da ultra-ortodoxia? Ou mesmo de uma ortodoxia mais branda (algo raro no Brasil)?

Ou seja que, diante de tais coisas, ficaria evidente o quão distantes estamos daqueles que são os valores que o Eterno espera de nós.

Quantas vezes, nos profetas, Israel foi criticado por conta de procedimentos litúrgicos, ou por ter sido leniente com a halakhá? A resposta



---

para qualquer pessoa que conhece o Tanakh, algo pouco estudado mesmo entre judeus religiosos, é: Nenhuma!

Em todas as ocasiões, a crítica da Torá sempre foi com relação aos valores mais essenciais. A saber: O Monoteísmo, a justiça, a misericórdia, o amor ao próximo, a desigualdade, entre outros!

É estranhíssimo, portanto, que essa seja a preocupação mais fundamental do Judaísmo dito religioso hoje. Sinal de que a Diáspora não cessará sem uma profunda alteração na forma de enxergar as coisas.

É hora de voltar a ser livre. Como podemos servir ao Criador estando escravizados pelo fanatismo jurídico-religioso e litúrgico?

### **Resultados Desastrosos**

Em virtude dessa maneira obsessiva de ver a prática da Torá, que resulta num excesso extremo de formalismo religioso, duas coisas acontecem: Uns desistem de tudo, pois não sabem separar esses elementos; já outros tornam-se extremamente supersticiosos.

Claro, como justificar que você tem que se encher de tantos cuidados religiosos ao ponto de se ter que montar toda uma estrutura de vida alienizadora que dê conta disso? A resposta é clara: Pela superstição!

Só faz sentido se a pessoa partir para a suposição de que a Torá é um livro de magia ritualística, e não de Monoteísmo sem superstição. Não à toa encontra-se uma quantidade tão loucamente grande de superstições que temos que nos indagar se ainda prevalece a ideia monoteísta.

### **Voltando à Liberdade**

Se alguém deseja ser livre, e praticar a Torá à forma das pessoas livres, pois a Torá nos libertou da tirania, não para a tirania religiosa, mas para uma comunidade temente ao Eterno, íntegra e vanguardista na sua forma de expressar seu amor ao próximo, é preciso romper com o sistema alienizador.

---

Não mais olhar a halakhá achando que o mundo desabará se não colocarmos a suká 30mm para a esquerda, mas sim entender os objetivos da prática.

Mais detalhes sobre essa maneira de ver o Judaísmo, de forma livre e pensante, serão dados no próximo artigo deste manifesto.